



## ALGUMA COISA ESTÁ FORA DA ORDEM: PERFORMANCE E POLÍTICAS DO SENSÍVEL

Fernando Mencarelli<sup>1</sup>  
UFMG/CNPq/Fapemig

Quando os organizadores do *XVIII Colóquio do PPGAC - O contemporâneo nas artes - entre vozes, escutas e afetos* me convidaram para o seminário e me apresentaram sua proposição conceitual, constatei que havia uma formulação precisa da questão. Difícil colocar melhor o problema, o tema, tão urgente. E me perguntava ainda: o que dizer sobre este tema que não seja apenas entrar em um diálogo intenso, vigoroso, exaltado, provocativo, necessário e aberto?

Vou compartilhar aqui uma fala fragmentada, lacunar, um pouco caleidoscópica, então apresentada. Parte desse esforço que cada um de nós vem fazendo para entender esse momento em que a história acelerou e nos colocou no centro de uma disputa global de forças que procuram moldar o futuro.

Nada novo nos apontamentos. Apenas motivos para que possamos pensar juntos. Começo o texto por uma carta escrita por mim em disciplina de montagem teatral que dirigi no primeiro semestre de 2018. Realizada como exercício compartilhado por todos os envolvidos no processo, foi escrita em fragmentos e depois montada. Eu a escrevi para esses mesmos alunos. Seguem novos fragmentos, e outros retirados de textos anteriormente publicados (e aqui mencionados), mas que se recompõem em nova montagem, até que o texto se feche novamente em forma poética, com gerado em laboratório do grupo de Teatro Varasanta, Bogotá, no início de 2018.

### CARTA

Atenção.

---

1 Professor Titular do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisador do CNPq. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Doutor e mestre pela Unicamp, na área de História Social da Cultura, com trabalhos sobre a história do teatro brasileiro. Visiting Research Scholar no Graduate Center da City University of New York/CUNY. Pós-Doutoramento em Teatro, no Laboratório ARIAS/CNRS-Universidade Sorbonne Nouvelle/Paris III.



Vivemos tempos de grandes mudanças.

Ficamos atentos a como estas mudanças estão ocorrendo.

Se são processos de acumulação de riquezas e poderes.

Se esses poderes globais atendem a interesses de corporações.

Se nesses projetos há um lugar pré-determinado e subalterno e neocolonial para nosso país.

O que podemos fazer?

Como?

Há também em curso uma grande mudança nas bases da sociedade brasileira. Plena de potência.

Um experiência única, singular, que pulsa na juventude.

Prestar atenção.

Cuidar.

Cultivar.

Ver.

Que um projeto de país estava/está sendo (re)construído, que o investimento para educação em suas novas bases inclusivas representaria um salto gigantesco em direção à emancipação do país.

Que isso não estava nos planos das oligarquias e corporações internacionais que desejam uma América Latina pobre, apática e subalterna.

Atenção. Ver.

Como?

Olhar a rua que pulsa.

Olhar os corpos que brilham.

Os cabelos que esculpem.

As roupas que ficaram livres.

Os amores que multiplicaram.

Os carinhos que ficaram públicos.

As palavras que ficaram fortes.

Os coletivos que ficaram vivos.

Olhar os jovens cada vez mais jovens.

Olhar o luto que reside em luta.

A praça cheia.

A praça que resiste ao cerco.

Vieram os tanques.

Vieram os muros.

As cercas.

As balas.



Os homens armados e o medo.  
Inteligentes. Estratégicos. Preparados.  
Uma metodologia.

Resiliência é o possível?  
Por onde é a contramão?  
O que em nós precisa de cuidado?  
O toque gentil.  
Agora.  
Em nós.

Porque podemos ficar juntos  
É possível.  
E é tão bom  
Olhar as transparências nossas

Você toca gentilmente alguém próximo  
Amorosamente  
Com palavras  
Com os dedos  
Com o olhar que vence a timidez  
Que lembra do temor  
Que impede  
E olha nos olhos de alguém em sua frente  
Doce  
Cúmplice

Um contato raro  
No silêncio  
Do outro

Outro mundo começa

## **ECONOMIA ATENCIONAL**

Sabemos que neste início do século 21, a história parece ter entrado em uma dinâmica de aceleração de processos que vêm sendo gestados há algumas décadas, apontando para uma espécie de "nova ordem" em que as instituições e seus modos de operar passam por



profundas reconfigurações, envolvendo todos os domínios da vida pública e privada, nos âmbitos econômicos, sociais, políticos e culturais. Duas emergências estão conectadas a boa parte desses processos, assim como parecem ser seus catalisadores. A primeira, e mais clara, é a proeminência de uma esfera política e econômica globalizada regida pelas corporações, que têm se sobreposto aos estados nacionais, colocando-os de forma mais evidente a serviço do capitalismo em sua nova configuração. E a segunda é a revolução cibernética que reorganiza todas as esferas da sociedade e conforma o capitalismo tardio, reordenando relações de poder, valores e mercados.

Uma das formas dessas mudanças, e que se coloca de maneira imediata e simultânea nos domínios público e privado de nossas vidas cotidianas, é a transformação de nossa atenção em mercadoria, atribuindo a ela valor em uma esfera que se denomina de "economia atencional". É certo que boa parcela da população mundial ainda não passou pela inclusão digital. Mas também é certo que o processo é sem volta e que esse acesso à rede mundial e seus produtos vem configurando novas relações de poder.

A produção de pensamento sobre esses processos tem sido intensa e, parece, movida por uma urgência da transformação e de transformação. Mais atual do que nunca, podemos lembrar das análises do filósofo Vilém Flusser, em sua *Filosofia da Caixa Preta*. Décadas atrás, Flusser nos propunha percebermos como havia um novo modo de operar e que precisávamos perceber que, diferentemente do que imaginávamos sobre nossas relações com o "aparelho", não éramos nós que o programávamos, mas que era o aparelho que nos programava. Suas instruções de uso eram nossas programações.

De lá pra cá, se deu a explosão da internet, criando um mundo virtual em poucas décadas. Gestada nas instâncias militares, transferida e expandida no circuito universitário internacional, potencializada por uma indústria digital que cria aparelhos e aplicativos que incorporam as necessidades atuais e geram outras novas a cada dia, a internet está no centro de grande parte das transformações em curso. Ela galvaniza nossa atenção. Programa nossa atenção e a monetiza.

Trazida ao centro dessa dinâmica, a atenção ganhou valor econômico, de mercado. E a cada segundo de nossa atenção que um produto da internet captura, seu valor de mercado se amplia. A indústria criativa está também no centro dessa dinâmica. Criatividade e inovação são palavras chave nessa ordem do "capitalismo do conhecimento".

Por isso também é que podemos reconhecer como parte de nosso programa enquanto artistas compartilhar o conhecimento acumulado na esfera da performance (contemporânea ou tradicional) sobre a mente e seus processos, sobre as relações mente-corpo-sensação-outro-mundo, disputando seus sentidos e as formas possíveis de de ser e viver.

## **COLETIVOS TEATRAIS, PERFORMANCE E MICROPOLÍTICAS<sup>2</sup>**

2 Cf. MENCARELLI, Fernando. Corpo a corpo das artes de performance e a experiência no plural. Revista do FIT, Festival Internacional e Teatro de Belo Horizonte, Belo Horizonte, p. 50-54, 20 jun. 2012.



No caminho de uma conectividade cada vez mais inclusiva, novos problemas e questões se apresentam, tais como o das relações possíveis no plano da cibercultura, das redes sociais, da tríade arte-corpo-tecnologia. A interatividade e as formas de convívio virtuais integram esses processos com novas possibilidades de fluxos e de relações. As ciências e as artes mais avançadas têm se ocupado cada vez mais desses territórios e das questões que eles levantam. As ciências sociais e a filosofia problematizam as formas assumidas pelo poder, através de análises como a do biopoder. Na contraface dessa virtualização em larga escala, emergem deslocamentos e novas formas de articulação coletiva em que as práticas performativas desempenham papel central. Dessa forma, as novas formas de socialização propiciam ações artísticas, culturais e políticas nos territórios da cidade, ressignificando e reinventando seus espaços públicos.

As artes de performance têm um papel importante a desempenhar nesse processo por se fundarem na relação entre o artista e seu público, na experiência do encontro. Por terem acumulado ao longo de séculos técnicas de trabalho sobre si, de contato e de ações coletivas. Seja através da narrativa, do mito, da fábula, da imagem ou ainda da imersão em outros sentidos, o corpo a corpo das artes de performance trabalha para a expansão da percepção e da consciência do sujeito e sua condição e constrói experiência no plural. Operando transversalmente entre a sociedade e o indivíduo, as artes de performance criam e atuam na dimensão do coletivo, seja internamente em suas estruturas, seja em sua relação com os públicos locais, regionais, nacionais ou internacionais, a partir de suas proposições artísticas e seus processos criativos. Tanto do ponto de vista da experiência compartilhada, corpórea, afetiva e simbólica, quanto da proposição de visões críticas e/ou alternativas ao imaginário veiculado exclusivamente por interesses comerciais, o teatro e as outras formas de artes de performance competem hoje fortemente pela constituição e ressignificação do campo simbólico na era da cultura da informação. Ainda que sua escala seja aquela possível para uma arte do encontro ao vivo, suas questões e suas estratégias contaminam o território poroso das relações em rede que se multiplicam. E isso, podemos claramente observar hoje, se dá independentemente de quais sejam seus possíveis usos políticos.

## **AS ARTES NA UNIVERSIDADE – TRANSVERSALIDADES POSSÍVEIS**

As mudanças de paradigmas postas pela chamada sociedade do conhecimento requerem mais do que nunca que continuemos permanentemente debatendo os sentidos de alguns termos que foram incorporados aos discursos dos organismos que elaboram as políticas econômicas internacionais, às políticas estatais para ciência e tecnologia e mesmo às missões traçadas pelas grandes corporações multinacionais. Tecnologia, inovação e criatividade constituem hoje um tripé mágico para o desenvolvimento das economias no capitalismo em sua nova roupagem. Como consequência disso e direcionadas ao campo ampliado da cultura e ao específico das artes, começam a ganhar corpo expressões como "economia criativa", que já se tornaram campos



de conhecimento dentro e fora do circuito universitário, e que se não forem profundamente debatidos podem sequestrar o conhecimento acumulado no âmbito das artes e domesticá-lo como dispositivo de desenvolvimento do mercado.

É urgente, portanto, que as artes integrem o projeto de formação inter/trans ou indisciplinar na universidade, compartilhando a natureza do conhecimento em arte em suas particularidades no contexto ampliado da universidade. Disputando seus sentidos, colocando em pauta, por exemplo, outros modos de pensar e ser nas sociedades contemporâneas, assim como outras possibilidades de incorporar-se a elas e transformá-las. Dessa forma, podemos compartilhar noções que envolvem as tecnologias, sim, mas as tecnologias do corpo e do trabalho coletivo; a inovação, sim, mas a inovação como ação/transformação da realidade, a inovação como foco nos processos; ou a criatividade, entendida como invenção e descoberta de novas formas de ser e fazer em contextos determinados. Ressaltando assim a importância da arte em uma formação abrangente que contemple todas as esferas do comum, em que atuamos como cidadãos e profissionais.

### **UMA MUDANÇA DE PARADIGMA: O "CONHECIMENTO" EM ARTE<sup>3</sup>**

Em *O que é Filosofia*, Deleuze e Guattari apresentam uma cartografia do pensamento distinguindo Filosofia, Ciência e Arte. Falam de suas diferenças e complementaridades, considerando que entre elas não há hierarquias e nem dependência:

As três vias são específicas, tão diretas umas como as outras, e distinguem-se pela natureza do plano e do que o ocupa. Pensar, é pensar por conceitos, ou então por funções, ou então por sensações, e qualquer um destes pensamentos não é melhor do que o outro, ou mais plenamente, mais completamente, mais sinteticamente 'pensamento'. (DELEUZE, GUATARI, 2000).

Podemos pensar nosso campo em desenvolvimento - as artes - olhando em perspectiva as humanidades, tanto suas diversas áreas quanto seus respectivos percursos. As artes ganham reconhecimento como forma de conhecimento e se expandem na universidade à medida em que os desafios epistemológicos e ontológicos nas humanidades foram gerando novas perspectivas, desde a denominada virada performativa (*performative turn*) até a mais recente virada ontológica (*ontological turn*), em que se insere o perspectivismo.

Essa abertura ou revisão epistemológica é fundamentada por diversos aportes, com relevantes implicações teórico-artístico-políticas. Destacamos aqui o pensamento associado à denominada virada decolonial (*decolonial turn*) e às *epistemologias do sul*. Segundo o sociólogo português Boaventura Souza Santos, em *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes*: "a resistência política deve ter como postulado a resistência

3 Cf. MENCARELLI, F. Epistemologias: transversalidades nas artes da cena (Texto de Abertura). Conceição/Conception, Revista do PPG Artes da Cena, Unicamp, v.6, p. 1-5, 2017.



epistemológica”.

Em resposta ao pensamento abissal que impôs a permanência e o domínio epistemológico colonialista ocidental, Souza Santos identifica, nos anos 70 e 80, a emergência do movimento que ele nomeia de cosmopolitismo subalterno. E nesse contexto, ele diz:

O pensamento pós-abissal parte da ideia de que a diversidade do mundo é inesgotável e que esta diversidade continua desprovida de uma epistemologia adequada. Por outras palavras, a diversidade epistemológica do mundo continua por construir (SANTOS, 2007).

Interessante pensarmos essa perspectiva do "sul", não como mera inversão das posições, mas como uma metáfora da multiplicação dos pontos de vista. Os expoentes da virada decolonial, entre eles Walter D. Mignolo, também falam da necessidade de uma descolonização do conhecimento e da subjetividade, dos modos de ser e estar no mundo.

Desde os anos 70, surgiram novos campos de estudos derivados da constatação de que os referenciais ocidentais para o estudo das práticas cênicas não eram suficientes para compreender a diversidade das mesmas no plano internacional. Fazem parte dessa discussão as relações inter ou transculturais, assim como novos aportes conceituais e a proposição de performance como epistemologia. Grupos de pesquisadores internacionais se reúnem hoje em torno de pautas como Performance Philosophy, Practice as Research ou Embodied Research. Artistas e autores de várias origens, entre eles os brasileiros, têm sido responsáveis por grandes contribuições ao campo, sendo necessário mapeá-los com mais vagar.

Ainda que também as transversalidades das artes da cena sejam diversas, quando pensamos as artes, as ciências e as filosofias, gostaria de destacar, e trazer como exemplo nesta breve apresentação, os diálogos e interseções com a antropologia, diretos e constantes desde Victor Turner. Em entrevista recente, o antropólogo Tim Ingold aproxima arte e antropologia, reconhecendo que ambas se dedicam também ao trabalho de imaginar possibilidades de vida. Podemos lembrar aqui que os deslocamentos contemporâneos das práticas cênicas em direção à performance as reinventam em suas formas e em seus processos criativos, a ponto de aproximar a preparação dos artistas às poéticas de transformação de si, presentes nas práticas tradicionais em diversos contextos culturais.

## **DO MUNDO MULTICULTURAL AO MUNDO MULTINATURAL**

Se pensarmos junto com alguns antropólogos contemporâneos, como Philippe Descola, Manuela Carneiro da Cunha e Eduardo Viveiros de Castro, que é preciso reconhecer outras concepções de natureza e cultura, não apenas aquelas pautadas pelo naturalismo, mas também as que seguem outros modelos (totemismo, animismo ou analogismo), ampliaremos sobremaneira as questões envolvendo o corpo e sua relação com o mundo, a partir das possíveis linhas de



continuidade e descontinuidade entre o homem e a natureza. Há uma considerável ampliação das possibilidades de troca, de encontros, pois o arco de diversidade se amplia sobremaneira a ponto de requerer outras epistemologias<sup>4</sup>.

É interessante observar que, nos últimos anos, uma espécie de dinâmica virtuosa tem aproximado, no Brasil, as práticas artísticas e os saberes indígenas, proporcionando trocas diretas entre povos indígenas e artistas, ou contaminações conceituais e práticas.

No contexto da denominada virada epistemológica e da virada ontológica, o pensamento antropológico contemporâneo tem tido marcante influência na produção artística mais recente no Brasil, destacando-se, por exemplo, o pensamento de Manuela Carneiro da Cunha sobre as políticas culturais para e dos povos indígenas e, principalmente, o perspectivismo ameríndio de Eduardo Viveiros de Castro. São inúmeros os exemplos no cinema, na literatura, na música, nas artes visuais.

Estudos de antropologia têm colocado em pauta uma reflexão sobre a natureza do saber indígena e explicam como esse sistema de conhecimento é distinto de outros. E como nessas formas de conhecimento, o saber fazer é mais importante que sua produção material<sup>5</sup>. Conhecimentos indígenas comportam-se a partir de outras formas de construção, de outros regimes, como nos conta o líder Yanomami David Kopenawa em seu livro recentemente lançado *A Queda do Céu* (publicado em 2010, em parceria com Bruce Albert, já traduzido em vários idiomas, e considerado um marco da antropologia contemporânea). Outro "saber fazer", outras técnicas. Esses saberes comportam outra visão da natureza e constituem outras epistemologias, levando-nos a refletir sobre as eventuais correlações entre os regimes do saber autóctone e o conhecimento em arte, especificamente sobre a prática artística do performer.

Davi Kopenawa tem insistido na afirmação de que todos somos um só coração (esse todos é extenso o suficiente para incluir todos os seres vivos). Se são muitos os pontos de vista, o que nos diferencia ao ponto de constituirmos uma dimensão multinatural, reconhecermos a multiplicidade de perspectivas é um caminho para o convívio e a partilha de formas de ser e viver possíveis em um mundo em transformação.

## **A CENA EXPANDIDA**

À reinvenção permanente da cena contemporânea corresponde um exercício crítico também em constante movimento. A cena expandida do teatro, da dança e da performance produz um pensamento que procura se expressar também em novas formulações teóricas e conceituais. Crítica e cena: pensamento em movimento que colocam em revisão categorias centrais na cena contemporânea.

4 CF. MENCARELLI, F. Mapas e Caminhos: práticas corpóreas e transculturalidade. Revista Brasileira de Estudos da Presença [EPERIODICO], v. 3, p. 134, 2013.

5 Cf. Manuela Carneiro da Cunha em palestra no Collège de France, 22/03/2012, denominada "Quelle nature, quels apports des savoirs autochtones". Disponível online no site do Collège de France. <https://www.college-de-france.fr/site/manuela-carneiro-da-cunha/inaugural-lecture-2012-03-22-18h00.htm>





Na introdução do dossiê *Artes da Cena e Práticas Contemplativas*, publicado pela Revista Pós da UFMG, em parceria com a Revista Percevejo da Unirio, trazemos como exemplo os movimentos que ocorrem hoje em torno de uma categoria central da cena moderna e contemporânea, a ação, que "entra em crise ou expansão, por um deslocamento ou descentramento da ação, resultado das formas e processos emergentes, nos quais são exploradas as múltiplas dimensões relacionais presentes nas artes da performance":

Por isso, explorando os territórios que estariam se movendo em direção às práticas coletivas e compartilhadas ou à proposição de dispositivos imersivos, pode ser pensada uma categoria como "situação". Da mesma forma, uma atitude criativa atenta aos modos de percepção e subjetivação envolvidos nas práticas performáticas evoca as práticas que investigam a atenção e o cultivo de si, e reconhecem a importância de um campo vasto que investiga a "contemplação". Um e outro caso são exemplos e indicam um esforço de revisão de uma das categorias centrais nas artes da cena, por deslocamento ou descentramento da "ação".

Desta forma, abrem-se de forma efetiva as potenciais articulações entre os conhecimentos do corpo, da mente, dos sentimentos, acumulados por gerações em várias tradições filosóficas ou artísticas de diversas origens culturais, expandindo a cena e o pensamento sobre ela e a partir dela, descolonizando as formas e os sentidos.

## **POLÍTICAS DO SENSÍVEL**

O pensamento crítico desde o final do século passado, através de autores como Foucault, Agambem, Toni Negri, nos fez entender as relações entre o poder, a política e a produção de subjetividades, como um de seus modos constitutivos. Há clareza nos dispositivos de controle e poder de que há uma instância fundamental a ser colonizada pela nova economia: nossos processos de subjetivação.

Mas como território que constitui nossas vidas privadas e públicas, este também pode estar investido por nós como campo de liberdade, de invenção de si. Por isso pensarmos em uma política do sensível.

Reconhecer as densidades das matérias e os acessos aos corpos sutis. Entrar, ceder, fazer, refazer, através do corpo, pelo corpo. Uma concepção de corpo como território do sensível, que busca, na investigação do sutil, geografias, relevos, bordas, atravessamentos, correntes. O sensível como uma forma de conhecimento, um pensamento por sutilezas.

O trabalho sobre esse campo sutil opera no performer e o abre para uma nova relação consigo, com o outro e com o ambiente. Há implicação política em uma ação artística que convoca à experiência de uma potencialização da vida na contramão da pasteurização da sensibilidade cotidiana contemporânea. Ação na esfera pública. Que faz de seu ato um testemunho dessa possibilidade de uma alta qualidade enquanto ética de relações, abrindo espaço para um contato



renovado na perspectiva de uma “nova ecologia”. Performance como ação transformadora, como política do sensível.

## **ALGUMA COISA ESTÁ FORA DA ORDEM (PERCEPÇÕES A PARTIR DAS CORDILHEIRAS)**

O animal e o homem.

O animal em nós.

Este corpo que enrijeceu com a cidade, com a cultura, com a educação, com a idade. Com o medo, com a falta, com a perda, com a violência. Contra o desejo, contra a liberdade.

Este corpo que já não dança sempre, não canta mais, que não aprende com outros corpos como era viver bem junto da terra, bem entre os animais e as plantas, ele guarda bem em si todas as possibilidades de sobreviver na floresta, de se reconectar com o mundo que as cidades esconderam.

Pode também aprender as formas de cantar, dançar, conviver, caminhar por entre as árvores e montanhas que são compartilhadas, ensinadas, praticadas fora das cidades. Ou recriadas dentro delas.

Há uma memória em nós esquecida pelo que fomos nos tornando.

Lembrar deste animal que somos, das forças naturais que nos atravessam, é parte importante dos ensinamentos em muitas culturas.

Em outras não. Preso, oculto, negado, com ele se perdem as ondulações da coluna, a percepção ampliada, a conexão da qual fazemos parte.

Os xamãs nas culturas andinas contatavam os três mundos: infra-humano, humano e supra-humano.

Os xamãs da amazônia brasileira se comunicam com os xapiris, transitam entre eles. E reconhecem como humanos todos os seres da natureza. Sendo todos humanos o que varia é a forma como se apresentam, o que nos faz viver em uma natureza múltipla.

Por isso o homem-onça que o matuto de Guimarães Roda se tornou.

Essa alteridade é desejada, essa multiplicidade conforma o mundo.

A ecologia antiga dos ianomamis alerta para a destruição acelerada da natureza deste antropoceno como o perigo eminente de que o céu caia sobre nós. Os xamãs trabalham para que o céu não caia, mas se não fizermos nada para mudar o ritmo das economias em curso, eles também serão vencidos.

Para que o céu não caia é preciso mudar.

Podemos começar ouvindo os xamãs.

Eles estão falando. É urgente.

Ouvir os povos de Sierra Nevada. Eles querem falar.



Os cantos afro-americanos e os cantos ameríndios compõem um tecido de vozes e corpos que sustentam um parte de nosso mundo comum. Mesmo desconhecidos, mesmo circunscritos a múltiplos mas pequenos círculos, semeiam em ocupações muito antigas ou em diásporas um campo sonoro, narrativo, imagético. Um campo material e outro sutil, que são reais e virtuais. Singulares e transversais, imantando corpos e lugares. Alimentando-se das árvores e dos cultivos.

Pequenos passos gentis tocam o chão  
Desabrochar fino das ondas que nos tornamos  
O ser em movimento cantado por uma antiga voz  
Um cosmos em pequenos círculos

Esses cantos são memórias compartilhadas dos mundos que habitamos, de suas larguezas nos tempos e nos espaços. Pisar o chão com as ondulações das montanhas, com as peles da terra, reunindo dorso e pélvis entre os pés e a cabeça, para abrir-se.  
Quando o animal que nós somos se lembra que está aqui.

Porque o si é o das montanhas  
O si dos cães  
Porque o si já não é o mesmo  
Está fora em diáspora  
Dente-de-leão soprado no vento pela terra santa e pela terra dura

A natureza só nos aceita de volta quando pensamos como ela.



## REFERÊNCIAS

- CASTRO, Eduardo Viveiros. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2000, p. 252-253.
- DESCOLA, Philippe. **Par-delà nature et culture**. Paris: Gallimard, 2005.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Annablume, São Paulo, 2011.
- INGOLD, Tim. Prêter attention au commun qui vient - Conversation avec Martin Givors & Jacopo Rasmi. **Multitudes**, Association Multitudes, 2017/3 n° 68, 2017, p. 166
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MENCARELLI, F. Epistemologias: transversalidades nas artes da cena (Texto de Abertura). **Conceição/Conception**, Revista do PPG Artes da Cena, Unicamp, v.6, p. 1-5, 2017.
- MENCARELLI, F. Mapas e Caminhos: práticas corpóreas e transculturalidade. **Revista Brasileira de Estudos da Presença** [EPERIODICO], v. 3, p. 134, 2013.
- MENCARELLI, Fernando. Corpo a corpo das artes de performance e a experiência no plural. **Revista do FIT**, Festival Internacional e Teatro de Belo Horizonte, Belo Horizonte, p. 50-54, 20 jun. 2012.
- QUILICI, C. S. ; PLA, D. R. ; MENCARELLI, F. ; KEISERMAN, N. ; LIMA, T. M. Editorial do dossiê Artes da Cena e Práticas Contemplativas. **Revista PÓS**, PPG Artes da UFMG, Belo Horizonte, 2018, pp. 198-200.
- QUILICI, Cassiano Sidow. **O ator-performer e as poéticas de transformação de si**. São Paulo: Annablume, 2015
- SANTOS, Boaventura Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos - CEBRAP** , São Paulo: CEBRAP, n.79 São Paulo, Nov. 2007